

## TRABALHO E RESISTÊNCIA FEMININA NA LUTA PELA TERRA

*Women's work and resistance in the fight for land*

**Anna Lígia Alves Coelho<sup>1</sup>**

**Ana Clara Marques de Lacerda<sup>2</sup>**

### RESUMO

O presente texto tem o objetivo de compreender a vivência das mulheres na luta pela terra no Assentamento Café Abelha, em Doverlândia-GO. Mais do que números ou dados, a pesquisa revela histórias de resistência diante das desigualdades de gênero que ainda marcam o meio camponês. A partir de escutas e observações, são valorizadas as trajetórias únicas e coletivas dessas mulheres, que enfrentam jornadas múltiplas enquanto constroem, com coragem, seu espaço e seus direitos.

**Palavras-chaves:** trabalho; luta pela terra; resistência feminina

### INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero que marcaram a história do Brasil não nasceram de um único evento, mas de um conjunto de práticas e ideias que, ao longo do tempo, impediram as mulheres de exercerem plenamente seus direitos, terem acesso à educação e participarem ativamente da política. Em uma sociedade moldada por um sistema patriarcal e latifundiário, as mulheres foram tratadas como inferiores, como se suas lutas por igualdade não tivessem valor, sendo frequentemente ignoradas ou minimizadas.

No que tange a análise do papel da mulher na luta pela terra, o conceito abarca e evidencia as particularidades e identidades específicas das assentadas, mas também por outro lado, essa categoria assume também um papel crucial no que diz respeito a certo padrão de denúncia, conflitos, contradições e crítica dos impactos e efeitos sociais produzidos pelo avanço de frentes de acumulação capitalista. “O ingresso da mulher na luta pela terra colocou-a não apenas diante da luta de classes, mas também diante do enfrentamento da questão de gênero. Isso se evidencia na questão do acesso à terra.” (Swedheler, 2015, p. 209).

A expansão capitalista no campo, cuja lógica baseia-se na exploração privada da terra, da água e da força de trabalho, intensifica as contradições e as desigualdades sociais. Seus ideais refletem na concentração de riquezas e, no caso do campo, significa terra nas mãos de poucos. “O desenvolvimento capitalista se faz movido pelas suas contradições. Ele é, portanto, em si, contraditório e desigual” (Oliveira, 1991, p. 18).

No contexto interno da luta pela terra, encontramos o homem, a mulher, a criança, o idoso, ambos caminhando em busca da conquista desta. Mas precisamos atentar para os lugares ocupados por cada indivíduo nesta luta. Por exemplo, a figura da mulher constantemente é ligada apenas aos serviços domésticos e submissa, como esposa e mãe, sendo que, todavia, são capazes de desenvolver inúmeras funções e posicionamentos, tanto

<sup>1</sup> Doutoranda no PPGEO/IESA – Universidade Federal de Goiás; e-mail: annaligia@discente.ufg.br

<sup>2</sup> Mestranda no PPGEO/IESA – Universidade Federal de Goiás; e-mail: ana\_lacerda@discente.ufg.br

dentro do território do acampamento ou assentamento, quanto perante a sociedade política (Franco García, 2004). Além disso, as decisões intrafamiliares e nos grupos coletivos, em geral, são comandadas e dadas pelos homens, relegando ao papel da mulher a condição de subalternidade.

O papel da mulher nessa perante a análise da estrutura fundiária brasileira, aparece como um outro aspecto de luta. Elas, enquanto mulheres, enfrentam a condição dos papéis de gênero pré-estabelecidos dentro da sociedade que, por si só, já tem suas raízes no costumes patriarcais. Entender o papel delas enquanto integrantes e participantes de todo esse processo de resistência, confirma a importância do reconhecimento de seu lugar de fala, neste caso, enquanto mulher assentada.

## **METODOLOGIA**

O presente texto é resultado da pesquisa de Mestrado intitulada: "Experiências de luta e trabalho na terra: o papel da mulher no Projeto de Assentamento Café Abelha no município de Doverlândia-GO". Dentre os procedimentos metodológicos destacam-se, além da revisão bibliográfica, o levantamento e organização de dados de fonte secundária, que serão compilados e analisados, obtidos em trabalhos acadêmicos e também de instituições como o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Rede DATALUTA, Instituto Mauro Borges (IMB), CPT e Censos Agropecuários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, a partir da observação direta acompanhada das entrevistas semiestruturadas e dos formulários aplicados às mulheres assentadas no Projeto de Assentamento Café Abelha.

Uma das principais preocupações na execução desta pesquisa, além de contribuir com o meio científico, foi também buscar construir, um conhecimento acessível e que possa trazer maior visibilidade para a questão das mulheres assentadas. A partir disso, procurou-se conhecer e compreender as trajetórias de resistências destas mulheres, dando ênfase aos desafios que enfrentaram pela condição de serem mulheres e, simultaneamente, também trabalhadoras.

## **NARRATIVAS DE TRABALHO E RESISTÊNCIA FEMININA NO PROJETO DE ASSENTAMENTO CAFÉ ABELHA, NO MUNICÍPIO DE DOVERLÂNDIA-GO**

O Projeto de Assentamento Café Abelha interage com a análise do tema a partir da resistência e trabalho das mulheres assentadas. Um dos pontos importantes a serem destacados a partir das entrevistas, são as narrativas de vida e origens das assentadas, tendo em vista que cada uma traz consigo sua própria vivência e trajetória de luta, a qual se encontra em algum momento dentro do território do assentamento. São mulheres que vêm da cidade, outras que já têm experiência com a terra, outras que passaram boa parte de suas vivências em acampamentos espalhados pelo campo.

Os períodos de acampamento são vivenciados de formas diferentes por cada depoente. Muitas relatam as experiências tensas que tiveram, fosse em confronto com policiais ou com fazendeiros da região. Todas compartilharam da luta pela conquista da terra e isso se tornou um elo entre elas. De fato a experiência de estar acampada se tornou forte e significativa nas memórias das assentadas, já que a precariedade das condições da pessoa acampada impõe muitas restrições, desconfortos e dificuldades. Para Caldart (2004), romper a

cerca é um momento marcante, de conquista e de transformação para o trabalhador do campo, visto que é a conquista de um sonho e o início de luta pela permanência na terra.

Quando perguntadas sobre o que elas mais gostam de fazer, a grande maioria responde: "plantar". A ocupação da maioria das depoentes é o trabalho com a terra, além da jornada com os afazeres domésticos, que a partir do gênero, via de regra, é preconceituosamente direcionado às mesmas. Tais práticas de plantio e cultivo contribuem com a integração das atividades das mulheres dentro do assentamento. Federici (2019) ressalta a importância da terra para o trabalho das mulheres camponesas e o quanto a produção e o trabalho é essencial para a manutenção de ciclos alimentares e soberania alimentar. Esta lida com a terra dentro dos lotes conta com a presença marcante das mulheres, tanto que a maioria dos relatos demonstram que as mulheres passam boa parte do dia se dedicando ao trabalho na lavoura, com animais e ainda a jornada de afazeres domésticos.

Todas as histórias, origens, trajetórias de vida, experiências, foram cruciais para compreender a vida das mulheres assentadas no Café Abelha. O cotidiano das relações no assentamento reflete a identificação de intensa luta e trabalho destas mulheres. Essa condição, enquanto trabalhadora camponesa e ao mesmo tempo de mulher subjugada num universo patriarcal e opressor, reflete claramente o gênero da divisão do trabalho com a terra, afazeres domésticos e na renda familiar.

Todas essas observações contribuíram para uma percepção a respeito das assentadas no Café Abelha, essas que possuem suas trajetórias individuais, mas também conjunta em busca dos direitos do povo do campo e em particular da mulher camponesa. Foi a partir de organizações de grupos que as mulheres conseguiram algumas melhorias na sociedade, tanto no âmbito social, como no político e econômico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realidade tem sido marcada por um contexto histórico-geográfico de uma sociedade capitalista assentada no patriarcado e numa divisão sexual do trabalho desfavorável à mulher, que recorrentemente se encarrega dos serviços domésticos, criação e cuidados com a prole, além de jornadas em emprego fora do lar ou no caso das assentadas, em atividades produtivas dentro do lote, assumindo assim dupla ou até mesmo tripla jornada. Constatata-se que este trabalho é desvalorizado social e financeiramente, visto que no seio familiar, via de regra, a mulher é oprimida e não toma as principais decisões, além de não ser paga de forma justa pelos seus trabalhos, relegando a ela uma função subalterna.

Dante dessa realidade, é impossível não reconhecer a força e a coragem das mulheres que vivem e resistem nos assentamentos rurais. Elas não lutam apenas por um pedaço de terra, mas por dignidade, por voz, por reconhecimento. Em meio às rotinas exaustivas de cuidado com a casa, os filhos e o trabalho na lavoura, essas mulheres seguem firmes, desafiando os papéis que a sociedade lhes impôs há tanto tempo.

Suas histórias mostram que o campo não é feito apenas de lavouras, mas também de sonhos, de solidariedade e de luta por um mundo mais justo. Por isso, é urgente que políticas públicas olhem com mais atenção para essas trajetórias, que enxerguem a mulher camponesa como protagonista e não como coadjuvante. Valorizar suas vivências é reconhecer que a reforma agrária também passa pelo cuidado, pela escuta e pelo respeito às diferenças. Que

possamos seguir construindo um caminho onde essas mulheres não precisem mais provar seu valor — mas possam, enfim, vivê-lo plenamente.

## REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. São Paulo: **Expressão Popular**, 2004.

FRANCO GARCÍA M.; **A luta pela terra sob enfoque de gênero:** os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente-SP, 2004.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** Elefante. São Paulo-SP, 2019.

OLIVEIRA, A. U. de. A agricultura camponesa no Brasil. São Paulo: **Contexto**, 1991.

SCHWENDLER, S. F. O processo pedagógico da luta de gênero na luta pela terra: o desafio de transformar práticas e relações sociais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 87-109, 2015.